

**TEMPORALIDADE E RITUALÍSTICA CELTAS:
A RODA DO ANO HOJE
Helga Ribeiro**

Muitas lendas e histórias se contam acerca dos Celtas, da sua cultura e das suas práticas ritualísticas de antanho. Algumas dessas práticas mantiveram-se vivas, misteriosas, ocultas, mas chegaram até aos nossos dias, sendo vivenciadas e sacralizadas pela Assembleia da Tradição Druídica Lusitana, em observância da Roda Litúrgica do Ano Céltico, honrando e prestando culto às Deidades Célticas e Lusitanas, ao Grande Espírito Universal e a Nwyre.

Antes de adentrarmos no cerne do tema que aqui nos traz, importa estabelecer determinadas considerações acerca da Assembleia da Tradição Druídica Lusitana (ATDL), quanto à sua história, organização e função, bem como esclarecer alguns processos teogénicos, antropogénicos e ético ontológicos à luz da Tradição Céltica Lusitana, para uma melhor compreensão sobre o entendimento da Tradição Celta a respeito Roda do Ano e da prática litúrgica inerente.

A Assembleia da Tradição Druídica Céltica Lusitana é uma Comunidade de cariz Espiritual, Filosófico, Litúrgico e Ético que se encontra vinculada às Tradições Ancestrais Hiperbóricas, pré-celtas e Celtas.

Foi constituída enquanto Assembleia da Tradição Druídica Regular em agosto de 2012, mas as suas origens remontam ao ano de 1998, quando um grupo de amigos e estudantes de Filosofia se dedicaram ao estudo da Cultura Celta e da sua espiritualidade.

Aquele que é hoje o Arquidruída da ATDL, na sua juventude procurou respostas pelo sentido da vida e da morte e, após estudar inúmeras religiões e espiritualidades, obteve-as junto da Tradição Druídica. Resultado do seu esforço, estudo e dedicação, que contou com inúmeras viagens a países como a Inglaterra e a França, Adgnatios foi elevado ao Druidicado em junho de 2012, tendo recebido as 3 vias da Linhagem Regular: a dos Druidas Pendragons, a das Korriganes e a dos Druidas Sacerdotais, na Clareira Bellovaque. Um mês e meio depois, constituía-se a Assembleia da Tradição Druídica Lusitana, envolva por Sobreiros e Menires, próximo de Évora. Volvidos 2 anos, Adgnatios foi elevado a Arqui-Druida da Tradição Primordial e a ATDL constituiu-se como a Assembleia *Primus inter pares*, ou a Assembleia-Mãe da Tradição Primordial de Expressão Lusitana na Península Ibérica.

Em 2016, a ATDL torna-se membro fundador da Celtic Druid Alliance - uma plataforma internacional que tem como principal objetivo integrar todas as Expressões Druídicas Celtas e reunir os grupos que observam princípios e desenvolvem comportamentos que espelhem verdadeiramente os valores fundamentais da Tradição Primordial, da qual faz parte a Irmandade Druida Galaica.

Durante o seu percurso e sustentada no eixo do Amor Puro, a ATDL tem procurado estar aberta ao transcendente, o mesmo será dizer, à Vida segundo o mundo do Espírito, por forma a realizá-la neste mundo de alteridade onde predomina a vida do espírito segundo a matéria. Em resultado dessa procura e entrega, a ATDL tem realizado uma vasta obra material e imaterial que tenta congrega simultaneamente o sentido e o sentimento espiritual de várias gerações: *os atuantes, os ancestrais e os vindouros*, de tal modo que se constitua como uma obra através da qual se reverencie a Natureza, se preste veneração aos nossos Ancestrais e se promova a Cultura Celta e Lusitana, sendo assim digna referência do Grande Espírito Universal. Destaca-se a construção do Centro Druídico da Lusitânia, próximo de Reguengos de Monsaraz, sendo atualmente o maior Centro Druídico mundial e um Centro de peregrinação para todos os crentes internacionais que observem a Espiritualidade Pan-Céltica. É no Centro Druídico que a ATDL desenvolve a sua atividade, em particular as Celebrações da Roda Litúrgica do Ano Céltico Lusitano, na Cromeleque Mátir Nemet. Para além do *nemeton* referido, erguem-se ainda a Casa-Templo de Trebaruna, o Lughar, o Templo de Drusuna, o Poço da Serpente e o Cromeleque da Roda do Ano.

Salientamos, também, a fundação do Centro de Estudos Druídicos, que conta com diversas publicações literárias, em particular *A Revista da Tradição Lusitana* que se encontra a preparar o seu 13º número e um conjunto de publicações inéditas produzidas pelos Druidas. Indo ao encontro das necessidades atuais e com recursos às novas tecnologias, a ATDL disponibilizou no seu *website* diversos oráculos digitais – os Oráculos Lusitanos – elaborados a partir das características oraculares das Tríades Lusitanas, dos Animais e das Árvores Sagradas da Tradição Celta e das Deidades da Lusitânia¹.

Para além de todas as obras referidas, a ATDL propõe o desenvolvimento entre a comunidade de um espírito de solidariedade e apoio recíproco que permita o cumprimento, individual e coletivo, do conjunto de normas de conduta por ela expresso e a participação no exercício dos seus cultos, que

¹ Para mais informações, pode consultar-se o *website* da Assembleia da Tradição Druídica Lusitana, no separador «Oráculos»: <https://www.atdlusitana.org/oraculos-lusitanos>

se traduzem em ritos, práticas e deveres para com as Deidades da Espiritualidade pré-cristã, Céltica e Lusitana. Neste sentido, todas as atividades desenvolvidas no seio da ATDL têm como objetivo o incremento do sentido de pertença à Tradição Primordial em todas as suas formas e expressões ou faces.

Processos Teogénicos, Antropogénicos e Ético Ontológicos²

A Tradição Celta não entende a existência de um ‘Deus-Criador’ à imagem e semelhança humana; sustenta um Emanatismo, segundo o qual a Fonte Emanatória ofertou ou emanou possibilidade de criação que, depois de emanada se transmutou em Vontade. Esta Vontade, uterinada por Nwyre, o Grande Útero Cósmico, é a responsável pela geração da Vida e da Criação. Estabelecem-se, portanto, três Mundos distintos: O Mundo da Certeza ou Singularidade Primeva, onde habita o Todo Possível; O Mundo da Vontade ou da Unidade Primeva, onde habitam as essências puras, e o Mundo da Alteridade ou da Multiplicidade, no qual se manifestam as criaturas em evolução. Deste modo, o Ser humano é entendido como uma criatura de essência espiritual em constituição, ou dito de outro modo, é um composto consubstanciado e indissociável, sendo um conjunto Alma-Corpo unidos pela mente. É, deste modo, uma manifestação do Espírito no Mundo da vida segundo a matéria e, por isso, sujeita à alteridade e ao condicionamento matéria-forma. Será a finalidade de toda a criatura alcançar o seu Destino ou regressar à sua Raiz Primeva – o Mundo da Vida segundo o Espírito ou o Mundo da Vontade. Por tal, as criaturas em constituição são entendidas como *manifestações diferenciadas da Vontade*.

A Tradição Celta considera que a maior dignidade ontológica do ser humano é a sua dimensão espiritual, razão pela qual reconhece a todos os seres igual dignidade de existência e à qual correspondem diferentes formas de manifestação existencial. Deste modo, o Caminho de *Imram* pode ser cumprido por cada ser, através de vias diferenciadas, de acordo com o seu Dom ou Inscrição Primeva.

Com vista a honrar o que é comum e a preservar o que distingue e diferencia os seres, pois é a diversificação e a diferença que conferem valor à Comunidade, a ATDL apresenta uma organização em graus funcionais que informam à singularidade e evolução da Alma de cada Caminhante. No seio da ATDL são dadas condições para que cada ser possa alcançar a sua

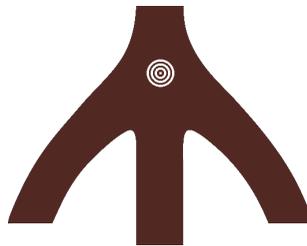
² Cf. Arqui-Druida Adgnatios, «Folhas na Druidade – Processos Teogénicos, Antropogénicos e Ético Ontológicos na Tradição Céltica Lusitana», *A Revista da Tradição Lusitana – Significâncias, Mistérios e Narrativas na Tradição Céltica*, 6 (2019), 15-23.

identidade espiritual e realizar a sua singularidade ou vocação, tendo este uma participação funcional ativa na comunidade que o acolheu, distinta dos demais. Deste modo, todos os membros têm igual acesso aos bens espirituais e aos direitos, mas também igual responsabilidade no cumprimento dos deveres e na defesa da Egrégora, de acordo com a evolução da sua Alma. A cada grau iniciático ou funcional da Tradição Primordial corresponde a respetiva designação lusitana, apresentada no quadro seguinte.

Correspondência entre a designação celta e a designação lusitana, referente aos graus funcionais³:

Graus iniciáticos	Graus iniciáticos
Marcassin	Semente-menino/a
Discípulo-aceite	Pequeno-arbusto
Discípulo-vestido	Arbusto-maior
Vate	Zimbro / Avelaneira
Bardo	Abrunheiro/Macieira
Chefe	Dragano Teixo / Faia
Éubage	Amieiro / Bétula
Sacerdote Druida	Sobreiro / Azinheira

A Tradição Céltica observa um Princípio Trifásico que comporta três realidades distintas, o Belo, o Bom e a Verdade, que se completam e harmonizam entre si de tal modo que constituem uma unidade, o Bem. Assim, o Bem é entendido como Fundamento e o Belo, o Bom e a Verdade como Princípios. Constitui-se como sua representação simbólica a Pata do Grou, que estabelece íntima associação às Vias⁴.



Pata do Grou

³ Cf. Arhuanië Adaltena, «Da Sabedoria das Árvores – parte II: Arbustos e Árvores da Lusitânia: Exemplos de Virtude para uma Egrégora Lusitana», *A Revista da Tradição Lusitana – o Redespertar da Pan-Céltia*, 3 (2017), 52-65.

⁴ Cf. Druida Adalthena, «As Vias à Luz do Fundamento», *A Revista da Tradição Lusitana – Fontes de Água Lustral*, 11 (2023), 22-32.

O Caminho Branco é o representativo do Fundamento – o Bem – do qual emanam os Princípios. O Druida ou Filósofo da Moral comporta em si aptidões das 3 vias emanadas, sendo o garante da ação moral benfazeja de cada caminhante, transmitindo-lhe os ensinamentos e aconselhando-o ao longo do seu caminhar.

Na Via Verde, o Vate ou Filósofo da Natureza busca a cura através da observação atenta e compreensão dos ciclos naturais que deverão ser acompanhados por cada alma. É esta via o garante do Bom.

Na Via Azul, os Bardos ou Filósofos da Arte, têm a responsabilidade de inspirar os caminhantes através do canto, sob várias expressões, da história, do sentido e do sentimento da Tradição. É esta via a expressão do Belo.

Na Via Vermelha, os Guerreiros assumiram o compromisso de defender a Verdade e a Justiça, lembrando a todos os membros da Egrégora de onde vêm e para onde devem caminhar.

Importa salientar que, não obstante as particularidades de cada Via e aos atributos a realizar, todas obedecem à mesma Ética Espiritual, ou seja, todas visam dar cumprimento aos valores e às virtudes lusitanas. Conforme referido pelo Arqui-Druida Adgnatios⁵:

Para a ‘nossa’ Ética Céltica, cuja Prática se encontra necessariamente fundada numa Espiritualidade Druídica, todo o «Valor» será sempre representativo de “Ser” e não de “ter”. Pois, (...), não existe razão que justifique uma distinção entre dever e poder (direito), entre autonomia e responsabilidade, entre ‘ter’ e ‘ser’. (...) Neste sentido, os «Valores» deverão ser sempre entendidos em relação aos seus princípios ou fundamentos (Verdade, Bem, Belo), porque a eles remetem, e às suas Transcendências (Amor, Liberdade, Felicidade), porque a elas apontam.

São definidos como Valores Lusitanos a «Paz», a «Universalidade», a «Inspiração», a «Confiança» e a «Responsabilidade»

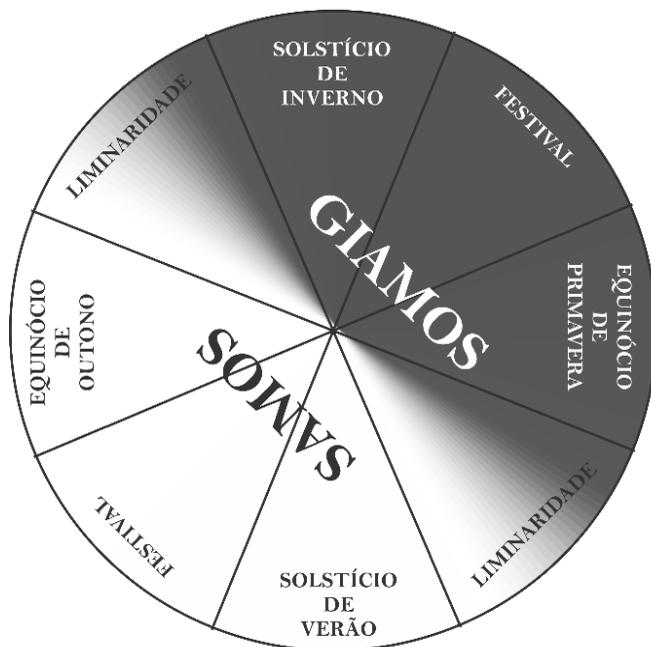
Já as Virtudes são entendidas como a manifestação do Valor em ato, quando este se encontra em adequação aos Princípios, dando origem a ações benfazejas, espiritual e moralmente valiosas. A Tradição Lusitana define nove Virtudes: a «Criatividade/Engenho», a «Valentia/Coragem», a «Sabedoria», a «Generosidade», a «Hospitalidade», a «Humildade», a «Lealdade», a «Justiça» e a «Honorabilidade». Mas as virtudes não se realizam de forma independente, elas dialogam entre si. Assim, mesmo que na ação

⁵ Cf. Arqui-Druida Adgnatios, «Druidade: para uma Ética Espiritual na Tradição Celta» *A Revista da Tradição Lusitana – Significâncias, Mistérios e Narrativas na Tradição Céltica*, 6 (2019), 90-108.

uma das virtudes se mostre primeiro, logo todas as outras serão convocadas. Compreende-se, por isso, que o que diferencia as Vias é modo como realizam a ação virtuosa ao longo da Roda do Ano.

A Roda do Ano Céltico Lusitano

A Tradição Celta concebe a existência de duas fazes elementares dos ciclos estacionais, isto é, compreende que o Ano é constituído por duas estações ou dois períodos, um luminoso e quente, Samos, outro escuro e frio, Giamos, cada um com enquadramento e frequência energética característicos. Contudo, a transição energética de um período para outro não ocorre de forma abrupta. Por um lado, sucedem-se variações energéticas em cada período, sendo assim cada uma das estações composta por três fases ou momentos de transmutação energética: 1 solstício, 1 festival e 1 equinócio; por outro lado, identificam-se dois tempos de Liminaridade que permitem a transição entre os períodos, as Liminaridades Samos-Giamos e Giamos-Samos. As Liminaridades podem ser entendidas como ‘pontes’ que ligam as estações, permitindo o trânsito energético de uma para a outra.



A divisão da Roda do Ano Céltico

Como resultado, estabelece-se a Sequência de Transmutações Energéticas ao longo da Roda do Ano⁶:

Liminaridade de Samónios: submerge a Cinza e emerge a Centelha
Ciclo de Giamos-Samos:

1º transmutação - Samónios-Modra Necht: Centelha em Luz

2ª transmutação - Modra Necht-Imbolc: Luz em Lume

3ª transmutação - Imbolc-Satios: Lume em Lustre

Liminaridade de Beltane: submerge Lustral e emerge Brilho

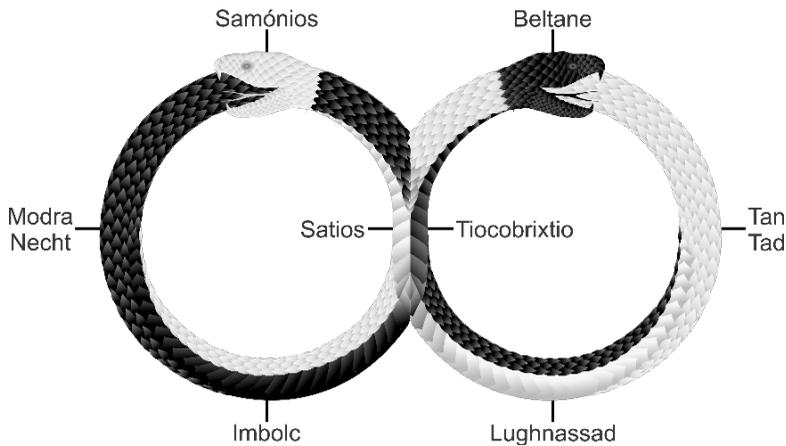
Ciclo de Samos-Giamos:

1º transmutação - Beltane-Pai Sol: Brilho-Polimento em Fogo

2ª transmutação - Pai Sol-Lughnassad: Fogo em Brasa

3ª transmutação: Lughnassad-Tiocobrixtio: Brasa em Cinza

O simbolismo desta Sequência é expresso pela Ouroboros⁷, o retrato da autossuficiência da energia primitiva que possibilita a sucessão dos ciclos. Atendendo à imagem, constata-se que a metade direita da Ouroboros é Branca e que a metade esquerda é Negra, conforme a Roda do Ano, e é o seu circuito aqui manifestado que nos permite intuir acerca das dialéticas fundamentais que falaremos já de seguida.



Ouroboros e a Roda do Ano Celta Lusitana

⁶ Cf. Arquidruída Adgnatios, «Folhas na Druidade ...», art. cit., 15-23.

⁷ Cf. Arquidruída Adgnatios e Druida Adgatia Vatos, «Reflexões sobre a Espiritualidade Lusitana», *A Revista da Tradição Lusitana – Sementes de Luz da Aurora dos Tempos*, 9 (2022), 15-32.

Durante o período de Samos, manifesta-se a energia masculina e solar dinamizadora que impulsiona o ser ao fazer e ao relacionamento com tudo o que o rodeia, ou seja, convoca a um agir expansivo e expressivo do Espiritual. As cerimónias são tuteladas pelo Grande Deus – Endovéllico – nas suas diferentes manifestações. Durante o período de Giamos, manifesta-se a energia feminina e lunar que informa e influencia não só a dimensão emocional do ser mas também a racional, proporcionando a cada ser o recolhimento e a introspeção em busca pela sua interioridade e intimidade, com vista à conexão com o transcendente ou Espiritual. Neste período, celebram-se as cerimónias tuteladas pela Grande Deusa nas suas três faces: Atäegina, Trebaruna e D’Ana.

Destaca-se o carácter de Tríplice Natura manifestado pelo Deus e pela Deusa, sendo ambas as Deidades psicopompas, manifestando-se no Mundo e no Sub-mundo.

É esta conceção do Ano, onde reina a ‘dialética harmoniosa’ entre as duas forças inversas e complementares, evolutiva e centrífuga (solar) vs involutiva e centrípeta (lunar), que a Tradição Céltica Lusitana observa, respeitando o trânsito energético entre o Mundo e o Sub-mundo e as suas funções tutelares. Contudo, as Liminaridades não são tuteladas pelos Deuses Patir e Matir, mas pelo Deus guerreiro e protetor da Tribo – Neton e pela Padroeira da Sabedoria Lusitana – Drusuna.

Vejamos cada um dos momentos de transmutação, iniciando as nossas considerações pela Liminaridade de Samónios. Apesar de tradicionalmente se apontar o dia 31 de Outubro\1 de Novembro como data para esta Celebração Céltica, na verdade, o portal de Samónios abre-se aquando da chegada da Lua Nova mais próxima ao final de Outubro e tem o seu ocaso na primeira Lua Cheia que se lhe segue. Trata-se de um portal de submergência/emergência e tradicionalmente celebra-se a passagem de ano dos Povos Célticos. Esta cerimónia toma a designação de Celebração da Saudade⁸, celebrando-se o reencontro entre os vivos deste mundo e os do Outro, os nossos Ancestrais e entes queridos. Pelo Portal submerge a Cinza, marcando o final da manifestação do Fogo e, por esse mesmo Portal, emerge a Deusa sob forma de Centelha, dando início à manifestação da Luz.

Na Cerimónia da Mãe-Noite, habitualmente no dia 21 de dezembro, noite de Solstício de Inverno, celebramos o Renascimento de Ataëgina ou da

⁸ Cf. Druida Adgatia Vatos, «Do Ritual de Samónios como Celebração da Saudade... à Ritualização da Saudade como Entidade tutelar do Samónios – Origens Remotas da Liminaridade Céltica», *A Revista da Tradição Lusitana – A Egrégora Céltica: Perigrações e Reencontros*, 7 (2019), 21-40.

Sagrada Mãe⁹. Esta cerimónia destina-se à celebração da transmutação da Centelha em Luz, que marca o início de um processo de gestação e eclosão interior que aponta a um novo ciclo de realizações.

A celebração da Cerimónia Sagrada de Imbolc ou Festival dos Lumes, é também a Lareira Tríplice de Trebaruna¹⁰, a Senhora dos Lumes e da Roda do Destino da Lusitânea e deverá ser celebrada no dia 1 de fevereiro ou em data próxima. O poder da Luz Materna tem vindo a aumentar após a Mãe Noite, e Imbolc assume-se como uma Celebração de Fogo Sagrado Feminino, resultante de um processo alquímico de volvência de potência em ato, de Luz em Lumes, de Mãe em Senhora, ou seja, de Ataégina em Trebaruna. Neste sentido, celebramos também o Crescimento Espiritual, a purificação e os novos começos.

Em Satios celebra-se a renovação fecunda da Terra e o renascimento pleno da Natureza através da qual o Lustre portado pela Menina das Fontes de Água Lustral, D'Ana, se mostra. O Equinócio de Primavera é o momento simbólico que estabelece o fim do Inverno, e marca o início do retorno dos dias mais longos e claros. Esta é a época em que os dias e as noites apresentam uma duração paritária, é, também, o tempo em que as forças da Luz Telúrica se Renovam e amplificam.

A Cerimónia de Beltane, Portal de Liminaridade¹¹, oferta-nos a possibilidade momentânea de nós, buscadores do Caminho em Abred, podermos atravessar o portal cósmico da Transcendência Espaço-Tempo e revisitarmos o Mundo do Além e podermos contactar com nossa Unidade Primitiva. Em Beltane inicia-se período solar, no qual as nossas interioridades mais profundas vão ao campo acontecer e mostrar de si o quão virtuosas são para a nossa Tradição. A regência do Fogo inicia-se, anunciando-se através do Brilho do primeiro raio de Sol, enquanto a Água Lustral submerge pelo Portal, assinalando o final do ciclo da Luz.

Na primeira celebração ritualística do período de Samos, O Fogo Pai, assistimos no dia mais longo do ano à passagem do Brilho a Fogo. Após a transmissão dos valores matriciais e preparadas as condições necessárias

⁹ Cf. Druida Adgatia Vatos, «Da Modracht Necht ou da Noite das Brumas à Natividade: Origens remotas do Solstício de Inverno», *A Revista da Tradição Lvsitana – Caminhos de Druidade: Significâncias e Sentido Espiritual*, 8 (2021), 33-60.

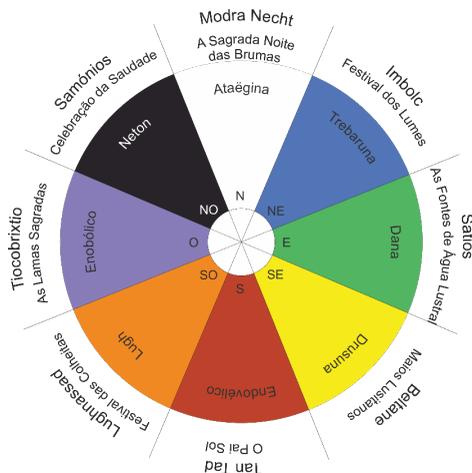
¹⁰ Cf. Druida Adgatia Vatos, «Acerca do Ritual de Imbolc ou do Sagrado Ventre de Trebaruna... ou da Deusa Brigit», *A Revista da Tradição Lvsitana – Fontes de Água Lustral*, 11 (2023), 33-53.

¹¹ Druida Adgatia Vatos, «Da Liminaridade de Beltane de Outrora aos Maios e Maias de Hoje», *A Revista da Tradição Lvsitana – (En)cantos e Narrativas da Ancestralidade*, 12 (2023), 19-34.

pelo labor matriarcal, hoje inaugura-se o tempo estival do Pai, cuja responsabilidade se deve focar no alcance de realizações benfazejas. Inicia-se o período Arque-astronómico Solar Vermelho¹², representativo da força, da abnegação, do compromisso e da virtude.

Já no tempo de Lughnassad, os campos adquirem tonalidades alaranjadas que nos informam que a Terra está pronta para nos doar as colheitas, fruto do nosso labor. Será esta mesma Terra que amansa o Fogo e o transmuta em Brasas. Brasas, estas, que forjam, mas que também aquecem o “forno comunitário” onde se irá proceder à feitura do pão, resultante das colheitas dos cereais e da sua transformação em farinha pelo labor humano. No entanto, estas Brasas também informam ao nosso «Forno Interior», no qual poderemos temperar de forma mais adequada a preparação para a nossa condição futura, por via da assunção das falhas e dos erros. Depois de devidamente transmutados, por via das prerrogativas alquímicas que as Brasas nos possibilitam, tanto o Pão saído do ‘forno comunitário’, como o Pão resultante do ‘forno da Alma’ de cada um, deverão ser partilhados entre todos.

A última cerimónia do período de Samos prepara-nos para o recolhimento que em breve chegará. A cor violeta que caracteriza este período, simboliza a transmutação que ocorre após a queda do fruto maduro e das folhas para a terra, mas também do arrefecimento das Brasas que, por ação das primeiras águas, se converte em Lamas. São as Lamas que irão carregar os nossos erros e as nossas faltas, sob forma de Cinza, até ao Sub-mundo, aquando da abertura do Portal de Samónios.



A Roda Litúrgica do Ano Celta Lusitano

¹² Druida Adgatia Vatos, «Ao Labor do Fogo Vermelho de Tan Tad, Sob(re) o Solstício de Verão», *A Revista da Tradição Lusitana – No Espírito do Bosque Sagrado*, 10 (2022), 38-54.

Durante os Rituais Litúrgicos não são somente os Tutelares que nos guiam, muitas outras Divindades e Deidades são invocadas e veneradas, surgindo como os Guias Espirituais que nos norteiam e que iluminam o nosso espírito através da sua Luz Lúcida.

As várias Expressões da Tradição Primordial cumprem a observância da Roda do Ano por via dos seus Rituais e Celebrações, seguindo preceitos antiquíssimos que lhes foram confiados pelos seus Ancestrais. Por tal, seria correto considerar que as Cerimónias Druídicas das várias Expressões seriam semelhantes, uma vez que emergiram da mesma Fonte Primeva e cumprem a mesma observância, contudo, tal não sucede. Os Rituais são manifestações do carácter e identidade de cada Expressão que resultam do conjunto de interpretações dos Princípios Primevos, sobretudo a liturgia que orienta cada Ritual, e das condições ou circunstâncias de cada Egrégora.

Em cada Ritual, para além de se prestar o devido culto e homenagem ao Grande Espírito, às Deidades e aos Ancestrais, eleva-se cada alma humana presente ao contacto com a sua Raiz Primeva – o seu Absoluto ou Espiritual. É por via deste contacto que o humano se entrega ao movimento de espiritualização, com vista à comunicação do seu sentido com o Sentido Universal e, assim, se constituir como um ser justo e íntegro, como uma referência digna do Grande Espírito Universal. A este respeito esclarecemos o Arqui-Druida Adgnatios¹³:

As celebrações são actos totais uma vez que implicam uma recosmicização do sentido e da actividade humana, colocando esta ao serviço de um absoluto temporal em que o ser humano se conecta precisamente ao absoluto que possui e se abre assim ao transcendente.

Face ao apresentado, entende-se os Rituais como momentos mágicos de libertação, transcensão e evolução da alma humana, assim esta se abra ao Grande Espírito Universal. O vínculo que se estabelece entre cada ser humano e o Sagrado ou Espiritual é único e acontece na intimidade de cada ser, razão pela qual é tão difícil de expressar ou comunicar, sobretudo com alguém que não partilhou dessa experiência, mas que é compartilhado por quem também o vivenciou. Deste modo, o Ritual constitui-se como uma narrativa partilhada por quem nela participou, o que tem permitido, ao longo dos tempos, a construção de várias narrativas que contribuem para a atualização e ampliação de sentido da narrativa primeva de onde emergiu

¹³ Cf. Arqui-Druida Adgnatios, «Druidade: Significâncias e Sentido Espiritual», *A Revista da Tradição Lvsitana – A Supervivência do Sagrado*, 5 (2018), 21-25.

a liturgia que nos orienta. Por este motivo, todos os Rituais realizados pela Assembleia da Tradição Druídica Lusitana não são uma representação ou recreação, mas momentos de contacto com o Divino e de experiência ou vivência espiritual carregada de sentimento de plenitude – a Supervivência do Sagrado¹⁴. As Cerimónias são o lugar onde a Druidade (Espiritualidade de ‘qualidade’ ou matriz druídica)¹⁵ alcança a noção mais profunda e onde se vive verdadeiramente.

Existe um conjunto de regras e preceitos fundamentais à concretização das Cerimónias da Roda Litúrgica do Ano, começando com a entrada no *Nemeton*, que ocorre através da formação de um Cortejo Cerimonial com todos os participantes. O Cortejo é formado sempre em relação com o simbolismo da Cerimónia, pelo que, ao longo da Roda do Ano apresenta diferentes funções e movimentos. Todos os atos litúrgicos são oficiados por um Druida Sacerdotal portador das Linhagens Regulares.

No entanto, a eficácia de um Ritual não resulta somente do cumprimento rigoroso dos passos descritos na liturgia. As palavras grafadas e proferidas, bem como os gestos efetuados só ganham vida e se cumprem caso o Oficiante e todos os participantes se entreguem ao Ofício e à realização plena da Cerimónia, deixando-se conduzir pelo Grande Espírito Universal. Vários membros da Comunidade desempenham funções litúrgicas e a disposição de cada participante no *Nemeton* respeita, precisamente, essa sua função.

A prática litúrgica constituiu-se como um dos pontos fundamentais da educação promovida pela Tradição Céltica Lusitana, uma vez que se educa para a busca constante do Amor e para o cumprimento da Vontade, por via da construção de uma obra repleta de Valor, de Sentido e de Sentimento Espiritual.

A transmissão de conhecimentos e ensinamentos contempla sempre três dimensões: teórica ou doutrina, prática ou ofício e vivência ou espiritual, conforme nos explica a Druida Adalthena¹⁶:

¹⁴ Cf. Arqui-Druida Adgnatios, «Para um Movimento Humano de Espiritualização: Reflexões sobre a Druidade como Supervivência das Experiências Sagradas», *A Revista da Tradição Lvsitana – Lumes e Costumes na Tradição Céltica*, 4 (2018), 17-24.

¹⁵ Cf. Arqui-Druida Adgnatios, «Druidade: Significâncias...», art. cit., 21-25.

¹⁶ Cf. Druida Adalthena, «O Ritual na Tradição Céltica Lvsitana: mais do que uma Celebração, um momento de cura e espiritualização», *A Revista da Tradição Lvsitana – No Espírito do Bosque Sagrado*, 4 (2022), 23-37.

A Tradição Lusitana não condiciona a sua Filosofia a uma doutrina nem exerce práticas destituídas do sentido que as liga aos Princípios. A Tradição Lusitana aplica a doutrina e a prática ao serviço da dimensão espiritual. A dimensão espiritual conecta-nos à Vida e é por essa via que procuramos o significado ou sentido transcendente das coisas. Assim, mais do que entender “como” as coisas são, busca-se a sua razão, função e finalidade, podendo vivenciá-las digna e verdadeiramente, dando cumprimento à função que a Vontade nos destinou.

E é por tudo isto que “O Ofício da Tradição é um ato de doação e de abnegação, uma entrega pura à realização da Vontade.”

Bibliografia

- Arhuanië Adaltona, «Da Sabedoria das Árvores – parte II: Arbustos e Árvores da Lvsitânea: Exemplos de Virtude para uma Egrégora Lusitana», *A Revista da Tradição Lvsitana – o Redespertar da Pan-Céltia*, 3 (2017), 52-65.
- Arqui-Druida Adgnatios e Druida Adgatia Vatos, «Reflexões sobre a Espiritualidade Lusitana» *A Revista da Tradição Lvsitana – Sementes de Luz da Aurora dos Tempos*, 9 (2022), 15-32.
- Arqui-Druida Adgnatios, «Druidade: para uma Ética Espiritual na Tradição Celta» *A Revista da Tradição Lvsitana – Significâncias, Mistérios e Narrativas na Tradição Céltica*, 6 (2019), 90-108.
- Arqui-Druida Adgnatios, «Druidade: Significâncias e Sentido Espiritual», *A Revista da Tradição Lvsitana – A Supervivência do Sagrado*, 5 (2018), 21-25.
- Arqui-Druida Adgnatios, «Para um Movimento Humano de Espiritualização: Reflexões sobre a Druidade como Supervivência das Experiências Sagradas», *A Revista da Tradição Lvsitana – Lumes e Costumes na Tradição Céltica*, 4 (2018), 17-24.
- Druida Adaltona, «As Vias à Luz do Fundamento», *A Revista da Tradição Lvsitana – Fontes de Água Lustral*, 11 (2023), 22-32.
- Druida Adaltona, «O Ritual na Tradição Céltica Lvsitana: mais do que uma Celebração, um momento de cura e espiritualização», *A Revista da Tradição Lvsitana – No Espírito do Bosque Sagrado*, 4 (2022), 23-37.
- Druida Adgatia Vatos, «Da Liminaridade de Beltane de Outrora aos Maios e Maias de Hoje», *A Revista da Tradição Lvsitana – (En)cantos e Narrativas da Ancestralidade*, 12 (2023), 19-34.
- Druida Adgatia Vatos, «Acerca do Ritual de Imbolc ou do Sagrado Ventre de Trebaruna... ou da Deusa Brigit», *A Revista da Tradição Lvsitana – Fontes de Água Lustral*, 11 (2023), 33-53.
- Druida Adgatia Vatos, «Ao Labor do Fogo Vermelho de Tan Tad, Sob(re) o Solstício de Verão», *A Revista da Tradição Lvsitana – No Espírito do Bosque Sagrado*, 10 (2022), 38-54.

- Druida Adgatia Vatos, «Da Modracht Necht ou da Noite das Brumas à Natividade: Origens remotas do Solstício de Inverno», *A Revista da Tradição Lvsitana – Caminhos de Druidade: Significâncias e Sentido Espiritual*, 8 (2021), 33-60.
- Druida Adgatia Vatos, «Do Ritual de Samónios como Celebração da Saudade... à Ritualização da Saudade como Entidade tutelar do Samónios – Origens Remotas da Liminaridade Céltica», *A Revista da Tradição Lvsitana – A Egrégora Céltica: Periprinasões e Reencontros*, 7 (2019), 21-40.